



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

THALITA LUTHIELLE DE OLIVEIRA PEREIRA

**O ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO FRENTE AOS DESAFIOS DE UMA
CRIANÇA AUTISTA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Palmas, TO
2022

Thalita Luthielle de Oliveira Pereira

O acompanhante terapêutico frente aos desafios de uma criança autista nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Artigo apresentado à Universidade Federal do Tocantins (UFT), *campus* universitário de Palmas para obtenção do título de licenciado em Pedagogia

Orientadora: Prof. MsC. Zaíra Nascimento de Oliveira

Palmas, TO
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

P436a Pereira, Thalita Luthielle de Oliveira .
 O acompanhante terapêutico frente aos desafios de uma criança
 autista nos anos iniciais do Ensino Fundamental. / Thalita Luthielle de
 Oliveira Pereira. – Palmas, TO, 2022.
 31 f.

 Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
 Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pedagogia, 2022.

 Orientadora : Zaira Nascimento de Oliveira

 1. Acompanhante terapêutico. 2. Inclusão escolar. 3. Autismo. 4.
 Ensino Fundamental. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que
citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

THALITA LUTHIELE DE OLIVEIRA PEREIRA

O acompanhante terapêutico frente aos desafios de uma criança autista nos anos iniciais do ensino Fundamental

O artigo foi avaliado e apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – campus universitário de Palmas, curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, para obtenção do título de Pedagoga, e aprovado em sua forma final pela orientadora e pela banca examinadora.

Data de aprovação: 27/07/2022. Assina esta ata a professora orientadora pelo demais componentes da banca, conforme art. 56-A da Resolução n.º 13, de 22 de Março de 2017.

Banca Examinadora:



Prof.ª Ma. Zaíra Nascimento de Oliveira – UFT
Orientadora



Prof.ª Dra. Marcia Cristina B. Fernandes de Abreu
Pedagogia – Arraias - UFT
Avaliadora (1)



T.O. Esp. Marcineis Milhomem da Silva Campos
Renafor AEE – UFT-MEC
Avaliadora (2)

Palmas, 2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por cuidar de mim em todas as circunstâncias e ter escolhido me amar, entregando seu filho único para ser morto na cruz.

Agradeço à minha querida avó Túnica, cujo exemplo de honestidade, caráter e força me motiva a ser melhor.

Agradeço à minha mãe por me apoiar e sempre me ouvir.

Agradeço aos meus amados irmãos, Karenn Ketlinn, Ana Júlia e Luiz Antônio, alvo do meu mais profundo amor.

Agradeço ao meu estimado primo Maycon, que é para mim um motivo de alegria e orgulho.

Agradeço também à minha saudosa orientadora Zaíra, uma das professoras que marcaram a minha graduação.

Por fim, agradeço a toda a minha família e amigos, sem os quais minha vida não seria a mesma.

RESUMO

O texto a seguir baseou-se na experiência de um acompanhante terapêutico de uma criança autista no ambiente escolar. Os objetivos de pesquisa inicialmente desenhados no projeto tiveram como objetivo geral: aprofundar teoricamente sobre acompanhamento terapêutico em uma escola dos anos iniciais do Ensino Fundamental, com foco em crianças autistas. Foram estipulados ainda os seguintes objetivos específicos: (i) realizar pesquisa bibliográfica de caráter exploratório a partir das categorias de pesquisa: acompanhante terapêutico, inclusão escolar e autismo; (ii) identificar, a partir de relato de experiência, como o acompanhante terapêutico lida com as demandas de crianças autistas na escola dos anos iniciais do Ensino Fundamental; (iii) descrever ações possíveis para as relações: acompanhante terapêutico – criança autista; acompanhante terapêutico – escola; acompanhante terapêutico – currículo escolar e acompanhante terapêutico – professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A partir da pesquisa, compreendeu-se que o papel do acompanhante terapêutico escolar foi fundamental para mediar relações, flexibilizar demandas e para a adaptação e adequação curricular. Todos esses esforços do acompanhante terapêutico estiveram voltados para o melhor convívio da criança com a rotina escolar.

Palavras-chave: Acompanhante terapêutico. Inclusão escolar. Autismo. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

The following text was based on the experience of a therapeutic companion of an autistic child in the school environment. Research objectives initially designed in the project had the general objective of theoretically deepening therapeutic monitoring in a school in the early years of Elementary Education, focusing on autistic children. The following specific objectives were stipulated: (i) to carry out exploratory bibliographical research based on research categories: therapeutic companion, school inclusion and autism; (ii) to identify, based on experience report, how therapeutic companion deals with autistic children demands in elementary school; (iii) to describe possible actions in the following relationships: therapeutic companion – autistic child; therapeutic companion – school; therapeutic companion – school curriculum and therapeutic companion – elementary school teacher. Based on this research, it was understood that school therapeutic companion role was fundamental to mediate relationships, make demands more flexible and to adequate and adapt the curriculum. All these therapeutic companion efforts were aimed for child's better interaction with school routine.

Keywords: Therapeutic companion. School inclusion. Autism. Elementary School.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Atividade de Inglês (substantivos de lugares)	21
Figura 2 – Atividades de Ciências (Sistema Digestivo)	22
Figura 3 – Atividade de Matemática (frações)	22

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Classificação de níveis do autismo.....	14
Quadro 2 – Indicadores comportamentais de crianças autistas.....	16

SUMÁRIO

1 PRIMEIRAS REFLEXÕES.....	11
2 AUTISMO: CONCEITO E CARACTERÍSTICAS	14
3 INCLUSÃO ESCOLAR: SUJEITOS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS	18
4 ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO NA ESCOLA: VIVÊNCIAS E PRÁTICAS...21	
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	27
APÊNDICE A – Relato de experiência como acompanhante terapêutica escolar ...	28

1 PRIMEIRAS REFLEXÕES

O acesso e permanência de pessoas com deficiência na escola são garantidos pela Constituição Federal de 1988, que prevê, em seu artigo 206, inciso I, “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”. No mesmo texto legal, dispõe, no artigo 205, que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, n.p.).

Portanto, fica assegurado o direito, a todas as pessoas, ao estudo e à escola de ensino regular. A garantia do direito à Educação para todos é uma grande conquista da constituinte democrática e dos demais documentos da legislação brasileira.

A inclusão de pessoas com deficiência vai além do simples “estar na escola”, o que não significa afirmar que seja bom ou ruim, mas, sim, que as pessoas com deficiência podem estudar em salas de aula regulares.

A presente pesquisa origina-se da experiência de atuação escolar como acompanhante terapêutica (AT) de uma criança autista nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Essa vivência permitiu os questionamentos necessários para se pensar a prática do atendimento terapêutico escolar e os aspectos relacionados à inclusão de crianças autistas. O presente estudo foi uma forma de aprofundar conhecimentos sobre os fazeres da minha prática, satisfazendo um desejo pessoal de pesquisar e aprofundar sobre essa área de atuação do pedagogo e continuar atuando como educadora nesse campo profissional.

No fazer do acompanhante terapêutico, em especial na escola dos anos iniciais do Ensino Fundamental, muitos são os desafios e problemas enfrentados, tais como: ausência de adaptação e adequação curricular, falta de acessibilidade atitudinal e metodológica e dificuldades nas inter-relações da criança autista com os profissionais da escola e colegas de sala de aula. Pode-se mencionar ainda o desafio de lidar com os obstáculos e dificuldades característicos de uma criança autista – suas estereotípias e comorbidades de comportamento.

Portanto, pretende-se, com este trabalho de pesquisa, descrever os desafios

enfrentados por um acompanhante terapêutico¹ escolar frente às necessidades de uma criança diagnosticada com autismo e suas necessidades educativas específicas na sala de aula regular.

Diante do exposto, o presente texto pretende mostrar o resultado da pesquisa a partir da questão central: como é a atuação do acompanhante terapêutico na escola, a partir do relato de experiência? Outras questões subjacentes estiveram presentes durante a pesquisa tais como: quais desafios enfrentados na minha vivência como AT? Que tipo de informação e formação continuada os professores da escola regular necessitam a respeito da inclusão de crianças com autismo? Quais manejos de sala de aula e comportamentos inapropriados são necessários identificar para adequação e adaptação curricular?

Os objetivos de pesquisa inicialmente desenhados no projeto tiveram como objetivo geral: aprofundar teoricamente sobre acompanhamento terapêutico em uma escola dos anos iniciais do Ensino Fundamental, com foco em crianças autistas. Teve ainda como objetivos específicos: (i) realizar pesquisa bibliográfica de caráter exploratório a partir das categorias de pesquisa: acompanhante terapêutico, inclusão escolar e autismo; (ii) identificar, a partir de relato de experiência, como o AT lida com as demandas de crianças autistas na escola dos anos iniciais do Ensino Fundamental; (iii) descrever ações possíveis na relação: AT – criança autista; AT – escola; AT – currículo escolar e AT – professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Como proposta metodológica de pesquisa, foi prevista a realização de pesquisa bibliográfica e documental de caráter exploratório com a estratégia de pesquisa a partir do relato de experiência (vivência pessoal) como AT na escola dos anos iniciais do Ensino Fundamental (Apêndice A). O recorte para a pesquisa foi o relato de experiência do período de abril a julho de 2022, pois, antes dessa vivência, o AT atuava somente no espaço clínico.

O fazer do AT na clínica se diferencia do seu trabalho na escola no que se refere à espontaneidade das relações da criança autista com outras crianças, com os profissionais da escola e com a própria sala de aula e sua rotina. Na clínica, o ambiente é controlado, por mais naturalista que seja, e a criança está condicionada a

¹ Neste artigo, será utilizado o termo acompanhante terapêutico, seguindo os autores consultados. No entanto, na minha atividade laboral, a nomenclatura comum é assistente terapêutico.

poucos estímulos distratores² e possíveis causadores de comportamentos disruptivos³, diferentemente do que ocorre na escola.

Na clínica, o AT é o parceiro da criança nas brincadeiras e tem por objetivo ensinar e auxiliar no desenvolvimento de habilidades de forma precisa e controlada. O acompanhante terapêutico tem como atribuições: auxiliar no desenvolvimento da criança, elaborar e executar rotinas de aprendizagem e brincadeiras, fazer gestão de comportamentos inapropriados, saber usar reforçadores e, principalmente, dar oportunidades de aprendizagem para a criança cumprir os objetivos traçados pelo supervisor clínico. No ambiente escolar, o AT tem o papel de mediador das relações e interações, flexibilizando, em muitos casos, demandas, tendo em vista as necessidades específicas da criança e suas limitações. Além disso, o AT escolar participa da elaboração com adequação de atividades e do desenvolvimento pedagógico da criança.

A formação do AT, seja clínico ou escolar, acontece de forma contínua, por meio de cursos, leituras e supervisões ofertadas pela clínica. Em conformidade com a lei Berenice Piana⁴, art. 3º, parágrafo único, é direito do autista incluído na classe comum de ensino regular, quando comprovada necessidade, um acompanhante especializado. O documento não especifica qual a qualificação nem as atribuições do AT. Portanto, não há uma exigência de curso específico de formação para atuar como acompanhante terapêutico. Contudo, tem se tornado uma forte tendência entre as clínicas optarem por contratar pessoas que estejam cursando ou tenham formação nas áreas de Pedagogia ou Psicologia.

Este artigo, além da introdução nominada de Primeiras reflexões e das considerações finais, tem três subtópicos: Autismo: conceito e características; Inclusão escolar: sujeitos, desafios e perspectivas e Acompanhante terapêutico na escola: vivências e práticas.

Espera-se, com este artigo, compartilhar os resultados de uma pesquisa em Educação que contribua para formação de futuros educadores e para fomentar a discussão entre os pares a respeito dos desafios enfrentados pelo acompanhante terapêutico escolar, principalmente de crianças autistas, pois, apesar de ser um

² Neste artigo, o termo estímulos distratores significa qualquer estímulo que dificulte a criança a manter o foco.

³ Neste artigo, o termo comportamento disruptivo compreende um comportamento desafiador, antissocial, agressivo, manifesto em alguns casos através de choro, birra.

⁴ Lei de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Lei nº 13.146/2012).

campo de atuação crescente, ainda não temos uma formação ideal que aborde mais profundamente o autismo e a adaptação e adequação curricular nos cursos de formação inicial do Pedagogo.

2 AUTISMO: CONCEITO E CARACTERÍSTICAS

Segundo o documento da APA (2014, p. 50), o autismo – o documento utiliza o termo Transtorno do Espectro Autista (TEA) – é um transtorno neurológico caracterizado por dificuldades na interação social, dificuldades no desenvolvimento da linguagem, interesses restritos e repetitivos, bem como dificuldades no uso social da comunicação verbal e não verbal, tais como: dificuldade para fazer inferências, déficits na comunicação com fins sociais, ausência de interesse por pares, baixa reciprocidade socioemocional e déficits na compreensão e no uso de expressões faciais e gestos (APA, 2014, p. 50).

Atualmente, a partir da normativa de 1º de janeiro de 2022, o termo TEA, como categoria da Educação Especial, é substituído por autismo, pois reconhece que o autismo se manifesta associado a distúrbios, outros transtornos de aprendizagem e síndromes diversas, impedindo uma classificação única. No entanto, há níveis que devem ser observados, como mostram os quadros 1 e 2:

Quadro 1 – Classificação de níveis do autismo

Nível de gravidade	Comunicação social	Comportamentos restritos e repetitivos
Nível 3 “Exigindo apoio muito substancial”	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal que causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início a interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa com fala inteligível de poucas palavras que raramente inicia as interações e, quando o faz, tem abordagens incomuns apenas para satisfazer a necessidades e reage somente a abordagens sociais muito diretas.	Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos interfere acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações.

<p>Nível 2</p> <p>“Exigindo apoio substancial”</p>	<p>Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; prejuízos sociais aparentes, mesmo na presença de apoio; limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa que fala frases simples, cuja interação se limita a interesses especiais reduzidos e que apresenta comunicação não verbal acentuadamente estranha.</p>	<p>Inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/ repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e interferem no funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento e/ou dificuldade de mudar o foco ou as ações.</p>
<p>Nível 1</p> <p>“Exigindo apoio”</p>	<p>Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode parecer apresentar interesse reduzido por interações sociais. Por exemplo, uma pessoa que consegue falar frases completas e envolver-se na comunicação, embora apresente falhas na conversação com os outros e cujas tentativas de fazer amizades são estranhas e comumente mal sucedidas.</p>	<p>Inflexibilidade de comportamento causa interferências significativas no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e planejamento são obstáculos à independência.</p>

Fonte: Quadro *ipsis litteris* do original (APA, 2014, p. 52 *apud* COLARES, 2021, p.12), com destaques da autora.

Como é possível observar no Quadro 1, há diversos sintomas que podem se manifestar desde a tenra infância, ainda que os déficits só se tornem inteiramente manifestos numa fase na qual as demandas sociais da criança aumentem e suas necessidades educativas específicas se apresentem com maior intensidade. A concepção de espectro ajuda na compreensão dos perfis da pessoa autista.

O diagnóstico precoce é fundamental para o desenvolvimento da criança autista. Atualmente, é comum o diagnóstico ser consolidado por um médico neurologista a partir da avaliação clínica de um psicólogo, relatórios dos pais, professores e observação de comportamentos da criança e suas comorbidades. Existem alguns indicadores comportamentais das crianças autistas (Quadro 2):

Quadro 2 – Indicadores comportamentais de crianças autistas

Motores	<p>Movimentos estereotipados: as crianças apresentam <i>flapping</i> de mãos, “espremer-se”, correm de um lado para o outro etc.</p> <p>Ações atípicas repetitivas: a criança consegue alinhar/empilhar brinquedos de forma rígida, observar objetos aproximando-se muito deles, prestar atenção exagerada a certos detalhes de um brinquedo, demonstrar obsessão por determinados objetos em movimento (ventiladores, máquinas de lavar roupas etc.).</p> <p>Dissimetrias na motricidade, tais como: maior movimentação dos membros de um lado do corpo, dificuldade, assimetria ou exagero em retornar os membros superiores à linha média, dificuldade de virar o pescoço e a cabeça na direção de quem chama a criança.</p>
Sensoriais	<p>Hábito de cheirar e/ou lamber objetos, sensibilidade exagerada a determinados sons (como os do liquidificador, do secador de cabelos etc.), reagindo a eles de forma exacerbada, insistência visual em objetos que têm luzes que piscam e/ou emitem barulhos, bem como nas partes que giram (ventiladores, máquinas etc.).</p> <p>Insistência tátil: as crianças podem permanecer por muito tempo passando a mão sobre uma determinada textura.</p>
Indicadores de rotinas	<p>Apresentam tendência a rotinas ritualizadas e rígidas, dificuldade na modificação da alimentação, sentam sempre no mesmo lugar, querem assistir o mesmo desenho ou DVD e, quando pegam em alguma coisa, colocam sempre no mesmo lugar. Qualquer mudança na sua rotina pode desencadear acentuadas crises de choro, grito ou intensa manifestação de desagrado.</p>
Fala	<p>Repetem palavras que acabaram de ouvir (ecolalia imediata), podem emitir falas ou <i>slogans</i> e vinhetas que ouviram na televisão sem sentido contextual (ecolalia tardia), repetem a fala do outro, não operam a modificação no uso de pronomes, apresentam características peculiares na entonação e no volume da voz, deixam de falar e perdem certas habilidades sociais já adquiridas por volta dos 12 aos 24 meses.</p>
Aspecto emocional	<p>Podem apresentar a expressividade emocional menos frequente e mais limitada, dificuldade de se aninhar no colo dos cuidadores, extrema passividade no contato corporal, extrema sensibilidade em momentos de desconforto (por exemplo: dor), dificuldade de encontrar formas de expressar as diferentes preferências e vontades.</p>

Fonte: Colares (2021, p. 13), com destaques da autora.

Como observado no Quadro 2, o autismo pode afetar diversas áreas do comportamento; por essa razão, a intervenção é desenvolvida por uma equipe multiprofissional, com o intuito de estimular as áreas cerebrais afetadas. A intervenção precoce baseada na ciência ABA⁵ têm demonstrado, nas pesquisas, maior eficácia, proporcionando mais qualidade de vida e autonomia para as crianças autistas. Como afirmam Grandin e Panek (2013, p. 167): “Quanto mais jovem o indivíduo, mais cedo se pode intervir. Quanto mais cedo for a intervenção, maior o efeito potencial na trajetória de vida de uma pessoa autista.

⁵ Uma ciência cujo objeto de estudo é o comportamento. ABA é uma sigla do inglês, traduzida como Análise do Comportamento Aplicada.

Ainda sobre diagnóstico e intervenção, a vivência como AT na clínica permitiu participar de palestras, cursos de capacitação profissional e leitura de livros. Um título importante para destacar destes estudos como base de atuação do AT é o texto de Rogers, Dawson e Vismara (2015), denominado Autismo: compreender e agir em família. De modo geral, todos cursos, palestras, *lives* e, principalmente, a experiência em trabalhar diariamente com crianças autistas contribuíram para atuação como AT na escola.

A criança que acompanhei [...] apresenta as seguintes características de autismo: dificuldades na linguagem pragmática, ecolalias tardias de desenhos animados e principalmente de propagandas, dificuldade em manter o foco por muito tempo, movimentos repetitivos com o corpo, rigidez com rotinas e procedimentos (beber sempre água com copo ou garrafa cheia, mesmo que já esteja satisfeito), hiperfoco em calendários, certo desinteresse por trocas sociais, déficits na compreensão e uso de expressões faciais e gestos, fascinação por ligar ventiladores, lâmpadas, ar-condicionado [...]. (Trecho do relato de experiência como AT escolar – Apêndice A).

Neste estudo, o objeto de pesquisa está relacionado ao fazer como AT escolar e não especificamente sobre a criança autista e seu desempenho escolar⁶. No entanto, a vivência como AT no espaço da escola exigiu observar as principais características e necessidades educativas específicas para promover intervenções, como estabelecer combinados com a criança autista para o uso da biblioteca, ausentando-se da sala de aula em momentos em que a criança poderia estar ociosa, fazendo estereotípias e sem conseguir se interessar ou compreender a aula de conversação de Inglês, por exemplo.

Segundo Grandin e Panek (2013, p. 100), com o avanço da neurociência⁷ observou-se, em imagens de ressonância magnética do cérebro, que as respostas a determinados estímulos são diferentes em pessoas com TEA. Essas novas descobertas apontam para um futuro de diagnósticos mais precisos e, possivelmente, para uma estimulação mais específica e eficaz, conforme as necessidades de cada pessoa com autismo.

Um exemplo dessas descobertas está relacionado à metodologia da Equivalência de Estímulos⁸, que consiste na formação de relações explicitamente

⁶ Por questões éticas, o nome e dados pessoais da criança serão preservados, bem como o nome da escola e da professora da sala regular.

⁷ A neurociência trata do estudo científico do sistema nervoso.

⁸ Campo de estudos da psicologia que trata da relação da aprendizagem com temas relacionados em grupos.

ensinadas (entre **estímulos** ou entre **estímulos** e respostas) e de outras que, sem ensino direto, emergem depois do aprendizado de pelo menos duas relações condicionais com um membro em comum (SIDMAN, 1986; 2000). A metodologia pode ser referenciada tanto nas atividades neuropsicopedagógicas quanto no processo de alfabetização de crianças autistas na escola.

Vale salientar a importância de integrar conhecimentos sobre o autismo, suas características e necessidades na formação inicial e continuada dos professores. É nítido quando o professor ignora totalmente a presença da criança autista durante sua aula. Provavelmente, esse profissional não se atentou para conceitos como inclusão escolar, adequação de atividades, muito menos sobre autismo e, por vezes, não foi incentivado e nem preparado para isso. Veja um trecho do relato a seguir:

Durante as aulas de um professor de área específica (não o regente da turma) a presença da criança autista é claramente ignorada. Talvez não por mal, mas o professor se ocupa respondendo atividades de conversação em língua estrangeira. Fica difícil para a criança autista responder as atividades adequadas à sua forma de aprendizagem no ambiente da sala. Em alguns destes momentos, deixamos a sala e vamos até a biblioteca da escola. Na biblioteca, a criança responde atividades, faz leitura e acessa atividades adequadas a ele no computador da biblioteca. (Trecho do relato de experiência como AT escolar – Apêndice A).

Ainda são muitos os desafios para se chegar mais próximo de uma inclusão ideal. Faltam informações sobre o autismo e, principalmente, como visto no trecho do relato acima, faltou conhecimento sobre inclusão. Em concordância com Mantoan (2011, p. 39): “Os alunos jamais deverão ser desvalorizados e inferiorizados por suas diferenças, seja nas escolas comuns como nas especiais”. Portanto, fica explícita a necessidade de fomentar a discussão sobre o autismo e suas necessidades específicas, tanto nos cursos de formação inicial quanto na formação continuada de professores, para que essas crianças tenham de fato acesso à inclusão escolar de qualidade e não sejam ignoradas e invisibilizadas no processo educativo.

3 INCLUSÃO ESCOLAR: SUJEITOS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS

A Lei Brasileira de Inclusão (LBI), no artigo 27, garante o direito de todas as pessoas, independentemente de suas limitações, terem acesso à escola. Entretanto, o desafio de realizar a adaptação e adequação curricular está centrado nos profissionais da educação, em especial, nos professores. A adaptação diz respeito a

espaços físicos, ambiente e materiais (tecnologias assistivas) e adequação se refere aos conteúdos disciplinares. Ambos são importantes e necessários para o processo de inclusão escolar.

A adaptação “gera felicidade”⁹ (quem afirmou se referia à adequação de conteúdos disciplinares). De fato, todos temos capacidade de aprender. A possibilidade de estudar o mesmo conteúdo que os colegas de sala de aula de forma adaptada e com adequação, possibilitando avanço no processo de aprendizagem gera uma imensa felicidade para a criança, família, professores, enfim, todos os sujeitos do processo e, principalmente, para quem acompanha esse processo de perto, como o acompanhante terapêutico.

Nesse sentido, a inclusão escolar possibilita não somente o ingresso à escola, mas também o acesso aos conteúdos disciplinares para que essa criança se sinta, de fato, parte da escola e permaneça nela. Outro aspecto a ser considerado no processo de inclusão escolar da criança autista é a aceitação das pessoas na escola no que diz respeito às suas necessidades específicas e frente às demandas de comportamento exigidas pela escola nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

O contexto escolar exige das crianças um nível de atenção. O fato de estar em um ambiente fechado, com cadeiras enfileiradas, manter-se sentado e, na maioria das vezes, em silêncio é um grande desafio para as crianças autistas. Muitas vezes, essa criança pode apresentar necessidade de se levantar, andar, fazer movimentos repetitivos com as mãos ou o corpo. Estar por muitas horas sentado, em vários momentos, em silêncio, pode demandar muito dessa criança, podendo gerar crises de choro ou, ainda, tornar o ambiente da sala de aula aversivo¹⁰. Da vivência como AT escolar, destaca-se:

Houve momentos em que tive que flexibilizar algumas demandas para diminuir o nível de ansiedade da criança e evitar comportamentos inapropriados. Faz parte da rotina da turma passar vídeos e atividades projetadas do computador para uma televisão. A criança autista que acompanho não consegue manter o foco nos vídeos e suas atividades, principalmente de matemática, são adequadas ao seu nível de conhecimento e forma de aprender, muito concreta e visual. Em um desses momentos com vídeo, ele ficou ansioso, deixei caminhar no

⁹ Refere-se à fala de um professor em vídeo no Youtube sobre adaptação de atividades. RODRIGUES, Leandro. **10 motivos para o professor regente adaptar atividades**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v4jLQOa0YKE>.

¹⁰ Na Análise do Comportamento, o controle aversivo tem sido definido como o controle do comportamento estabelecido por contingências de punição e de reforço negativo. Embora existam outras denominações empregadas para o estudo desse tipo de controle, todas se referem à análise desses dois tipos de contingências, com três tipos de consequências, classificadas como reforço positivo, reforço negativo e punição.

fundo da sala. Somente no fundo para não atrapalhar a concentração dos colegas. (Trecho do relato de experiência como AT escolar – Apêndice A).

Nesse sentido, o AT é orientado a anteceder comportamentos disruptivos e tornar mais suaves as demandas em determinados momentos. Essa tomada de decisão por parte do AT – de, inclusive, em alguns momentos, se ausentar do ambiente da sala de aula com a criança – pode ser vista com estranheza pelos profissionais da escola e pelos professores da sala de aula regular. Entretanto, o AT age considerando aspectos intrínsecos ao autismo, normalmente orientado pela supervisão de um analista comportamental¹¹. Desse modo, o papel do AT está em criar situações para que a criança autista seja mais independente e tenha autonomia para que sua permanência na escola seja menos conflituosa e aversiva.

Ao adentrar o ambiente escolar, o AT vivencia vários desafios, seja pela falta de informação dos profissionais da escola sobre o autismo, seja pelas dificuldades da criança autista diante as exigências da rotina escolar. Em contrapartida, é interessante experienciar o processo de inclusão escolar em alguns momentos, como quando os colegas da sala de aula que a criança autista frequenta compreendem que, às vezes, a criança autista se comporta diferente devido às características do autismo e que não há problemas em conviver com esse comportamento. Ou mesmo quando os professores se conscientizam da importância da adaptação e adequação curricular e criam espaços para criança autista. Mesmo que seja em momentos específicos, essa experiência é maravilhosa.

É possível superar os desafios e estabelecer novas perspectivas para as crianças autistas na escola. Apesar de todos os desafios, foi possível vivenciar experiências positivas com os professores e colegas de sala de aula da criança autista acompanhada por mim, como se destaca no trecho do relato, a seguir:

Os colegas de turma demonstraram compreender os comportamentos diferentes da criança autista e suas necessidades. A maioria se diverte com tudo de diferente que a criança autista inventa. Como colocar o capacete do colega e assistir aula de capacete. Ligar o ar-condicionado da sala quando chega do recreio. A professora tem o hábito de projetar vídeos ou a própria atividade para as crianças verem. O autista imediatamente se levanta para maximizar a tela e fechar os anúncios. A professora já chama a criança de meu T.I. e muitas vezes deixa que ele sente na cadeira dela e passe as imagens ou recursos que ela estiver usando na aula. Trecho do relato de experiência como AT escolar (Apêndice A).

¹¹ Esse profissional está vinculado à clínica que atende a criança autista e não à escola.

4 ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO NA ESCOLA: VIVÊNCIAS E PRÁTICAS

Na trajetória como AT escolar houve alguns desafios já mencionados e outros que merecem destaque, como a falta de adaptação e adequação curricular. Atender a essa necessidade é uma das práticas mais recorrentes do fazer do AT na escola, pois ele tem um olhar para as necessidades específicas da criança autista. No caso relatado, em especial, a criança tem um perfil de aprendizagem visual e concreto, ou seja, mesmo estudando os conteúdos do ano escolar (5º ano do Ensino Fundamental) precisava de atividades adaptadas e adequadas às suas necessidades específicas e forma de aprender.

Em diversos momentos da rotina escolar era necessário fazer intervenções, como nas disciplinas de Inglês, Ciências e Matemática. As figuras 1, 2 e 3 mostram exemplos de algumas atividades adaptadas e adequadas à forma de aprendizagem da criança.

Figura 1 – Atividade de Inglês (substantivos de lugares)

LEIA O QUADRO ABAIXO E RESPONDA EM INGLÊS:

BAKERY	MALL	SUPERMARKET	SCHOOL	HOSPITAL
				
				
				
				
				

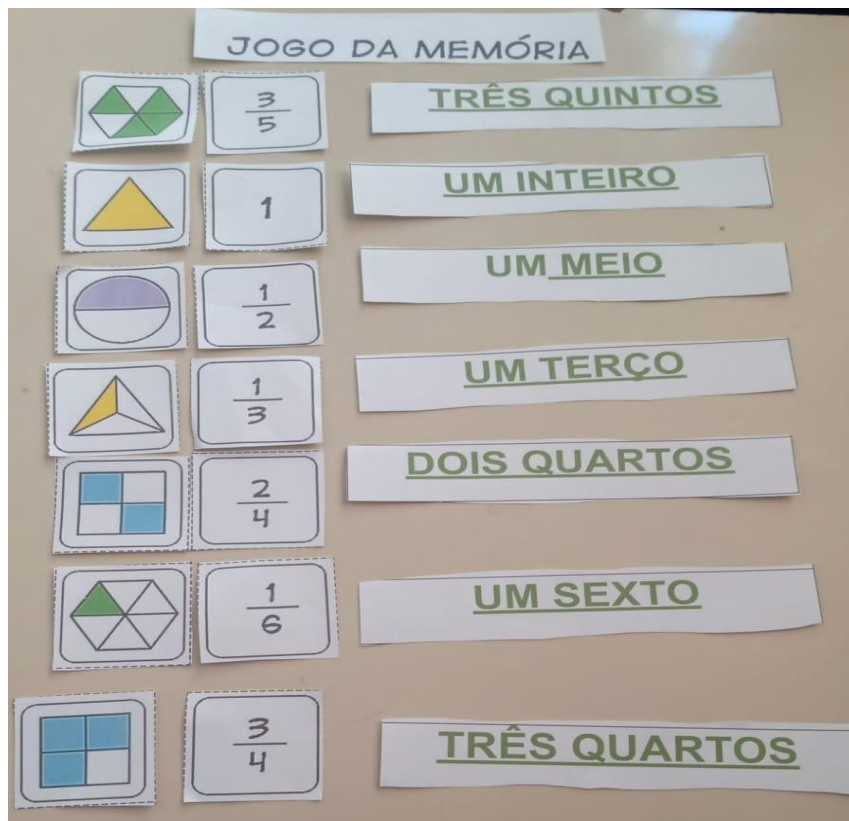
Fonte: autoria própria

Figura 2 – Atividades de Ciências (Sistema Digestivo)



Fonte: autoria própria

Figura 3 – Atividade de Matemática (frações)



Fonte: autoria própria

A Figura 1 trata-se de uma atividade de Inglês adaptada e adequada para a criança. Foram usadas imagens de locais frequentados pela criança junto aos

substantivos de língua estrangeira. A Figura 2 é uma atividade de Ciências que trata do sistema digestivo: ao lado esquerdo da imagem aparece um saquinho plástico onde foi desenhado o sistema digestório com pincel permanente e foram feitos um buraco no saco no local onde foi desenhada a boca e outro no reto. O objetivo da atividade foi demonstrar o caminho que o alimento faz ao ser ingerido e sua passagem pelo sistema digestório. A atividade foi bem recebida pela criança autista, que conseguiu compreender todo o percurso e nomear os órgãos do sistema digestivo. Ao lado direito da Figura 2 vemos um quebra-cabeça do sistema digestivo; esse material foi ofertado pela psicopedagoga que atende a criança na clínica. A Figura 3 mostra uma atividade de matemática onde o conteúdo estudado foi frações. Todos os conteúdos foram selecionados a partir do livro usado pela escola. Apenas foram feitas adequações e adaptações para ajudar a criança autista no seu processo de aprendizagem.

Como se pode perceber nas figuras 1, 2 e 3, o AT escolar necessita ter um olhar cuidadoso e personalizado sobre as necessidades específicas da criança autista e reflexivo sobre a própria prática, já que necessita buscar o melhor caminho para compreender e lidar com os desafios apresentados na rotina escolar.

As atividades foram elaboradas com a orientação da neuropsicopedagoga que atua no caso no ambiente clínico. A adaptação e adequação foram feitas considerando o perfil de aprendizagem visual e nível cognitivo da criança. Os conteúdos foram selecionados a partir do livro didático da turma. Em vários momentos, a criança estuda o mesmo conteúdo que os colegas, mas de forma adaptada e adequada especificamente para a criança autista.

O AT participa de todos os processos desde a seleção e organização dos conteúdos do livro didático, adaptação e adequação até a aplicação e elaboração de avaliações. Nesse sentido, o AT é o profissional responsável por tornar a relação da criança autista com o contexto escolar mais leve e sua permanência na escola menos frustrante para criança. Em alguns momentos é fundamental ter uma tomada de decisão por parte do AT diante as dificuldades apresentadas pela criança em manter-se engajada nas rotinas da escola.

O início das aulas foi em janeiro de 2022, mas eu só passei a acompanhar esse processo em abril de 2022, em função da saída da AT anterior. A criança estava habituada com a rotina escolar. Entretanto, demandas como ficar sentado, fazer silêncio, manter o foco na explicação da professora eram difíceis para a criança autista.

Assim, vez ou outra se levantava, batia as mãos na mesa fazendo barulhos, emitia sons com a boca (Liiviii). Em alguns momentos, ele atrapalhou a concentração dos alunos mais próximos. Em outros, o professor repreendeu os barulhos. (Trecho do relato de experiência como AT escolar – Apêndice A).

Portanto, cabe ao acompanhante terapêutico escolar e também aos professores e profissionais da escola perceber os limites e dificuldades da criança e fazer as adaptações e adequações necessárias. Em alguns momentos, pode se tornar necessário flexibilizar demandas para evitar crises e garantir o acesso à escola e inclusão da criança.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos realizados durante a pesquisa com a temática: O acompanhante terapêutico frente aos desafios de uma criança autista nos anos iniciais do Ensino Fundamental e da relação da garantia ao direito à educação e à escola para crianças autistas na sociedade do século XXI, é indiscutível que o AT escolar, como sujeito nesse processo, tem um papel importante, principalmente na inclusão escolar.

Em uma sociedade na qual os relacionamentos se desenvolvem com mais fluidez virtualmente e na qual as pessoas acessam e propagam informações rapidamente, construir competências na pedagogia para atuar como AT nas escolas com crianças autistas torna-se crucial para a construção de uma sociedade mais empática e justa.

Retomando o objetivo geral de pesquisa (aprofundar teoricamente sobre acompanhamento terapêutico na escola dos anos iniciais do Ensino Fundamental, com foco em crianças autistas), considera-se que esse objetivo foi atingido plenamente, pois a escrita do artigo está assentada com base nas leituras realizadas e nos conceitos consolidados sobre o que é ser acompanhante terapêutico.

Quanto aos objetivos específicos, pode-se afirmar que o objetivo de realizar pesquisa bibliográfica de caráter exploratório a partir das categorias de pesquisa: acompanhante terapêutico, inclusão escolar e autismo foi plenamente atingido, principalmente no diálogo com alguns autores, tais como Grandin e Panek (2014) e Mantoan (2011). Quanto ao objetivo de identificar, a partir de relato de experiência, como o AT lida com as demandas de crianças autistas na escola dos anos iniciais do Ensino Fundamental, considera-se que foi atingido plenamente, já que, a partir do relato de experiência, foi possível identificar as demandas e desafios do papel do AT

escolar.

Em relação ao objetivo de descrever ações possíveis na relação: AT – criança autista; AT – escola; AT – currículo escolar e AT – professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental, considera-se que foi parcialmente atendido, pois, em vários momentos durante o trabalho a partir do relato de experiência como AT escolar, foram abordadas algumas problemáticas e, assim, apontado aquilo que pode ser melhorado. Todavia, poderiam ter sido descritas ações efetivas para o melhor desempenho das funções do AT escolar. Houve algumas razões para que esses apontamentos não tenham sido realizados: uma delas foi o tempo limitado para finalização do trabalho, outra relaciona-se às próprias dificuldades do pesquisador em conciliar as atribuições do trabalho e de outras áreas da vida social com a escrita do artigo.

Portanto, ao se questionar sobre a atuação do acompanhante terapêutico na escola, a partir do relato de experiência, pode-se afirmar que é um desafio intelectual, pessoal, profissional, pois requer do AT um certo domínio dos mecanismos de adaptação e adequação curricular, bem como conhecimento sobre o autismo, inclusão escolar, gestão de comportamentos inapropriados, boa comunicação com os professores da escola, com a clínica e com os pais da criança.

Foram elencadas outras questões subjacentes que estiveram presentes durante a pesquisa. A questão sobre os desafios enfrentados na minha vivência como AT foi respondida simultaneamente à questão central, já que, ao retomar o relato de experiência, também apontei os desafios. Em relação ao tipo de informação e formação continuada que os professores da escola regular necessitam a respeito da inclusão de crianças com autismo, a pesquisa possibilitou a indicação de alguns pontos importantes para informação e formação dos professores; no entanto, esse ponto não foi aprofundado. Sugere-se, em futuras pesquisas, o desenvolvimento de um manual: O que o professor precisa saber sobre autismo na escola? Sugestões de práticas a serem empregadas pelo professor para inclusão da criança autista na escola.

Em relação à identificação dos manejos de sala e comportamentos inapropriados necessários para adequação e adaptação curricular, acredita-se a resposta está principalmente nos tópicos 3 e 4 deste artigo, quando se apresentam alguns trechos do relato de experiência. É possível perceber as práticas de flexibilizar demandas, adaptar e adequar materiais conforme as potencialidades da criança autista, anteceder momentos de crise extrema e estabelecer combinados sobre o uso

dos espaços da escola, como a biblioteca.

Ao finalizar este artigo, compreende-se que a formação, não somente a continuada como AT, mas a licenciatura em Pedagogia possibilitaram clareza acerca de temas como deficiência e dificuldades da aprendizagem, formas diferentes de aprender e inclusão escolar: histórico, legislação e potencialidades. Possibilitou, principalmente, um olhar crítico para o direito da pessoa com deficiência em ter acesso a uma educação inclusiva e de qualidade. Portanto, pode-se afirmar que a formação em Pedagogia foi determinante para desempenhar a função de AT escolar.

REFERÊNCIAS

APA. American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRASIL, 2015. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 20 jul. 2022.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

COLARES, Maria Sueneide da Silva. **Verbais orais e não-verbais orais: alfabetizando crianças com autismo**. 2021.

GRANDIN, Temple. **O cérebro autista**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér (Org). **O desafio das diferenças nas escolas**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ROGERS, Sally J.; DAWSON, Geraldine; VISMARA, Laurie A. **Autismo: compreender e agir em família**. Trad. Ana Nereu Reis. Lisboa: Lidel, 2015.

APÊNDICE A – Relato de experiência como acompanhante terapêutica escolar

Quem sou eu? Me chamo Thalita Luthielle de Oliveira Pereira, tenho 26 anos, sou natural de uma pequena cidade do interior do Estado do Pará. Estou concluindo o curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Tocantins, *campus* universitário de Palmas. Atualmente, atuo como acompanhante terapêutica no ambiente clínico e na escola. Minha jornada como acompanhante terapêutica escolar de uma criança autista teve início em abril de 2022. Entretanto, minha experiência com crianças neuroatípicas é anterior.

Neste relato, irei descrever os desafios e perspectivas da minha atuação como acompanhante terapêutica escolar com uma criança autista. Para iniciar, farei um breve histórico de **como surgiu o meu interesse em trabalhar com crianças autistas**. Devido ao curso de licenciatura em Pedagogia, acabei tendo contato com crianças autistas nos estágios curriculares e extracurriculares. Contudo, até então, eu tinha uma visão excludente a respeito de crianças com transtornos mais graves na escola. Tinha um pensamento errôneo de que as crianças com dificuldades mais graves deveriam ter acesso a escolas especializadas. Na verdade, esse pensamento não era uma ideia minha, eu apenas reproduzia ideias do senso comum. Até então, eu não havia me interessado pela educação especial. Apesar da mentalidade infeliz sobre a inclusão de pessoas com transtornos graves na escola, eu tinha uma certa afinidade em trabalhar dificuldades de aprendizagem.

Somente após cursar a disciplina de Educação Especial, obrigatória no meu curso, passei a ter um olhar crítico para esse campo. Em função dos textos, leis, e temas abordados nas aulas pela querida professora Zaíra (Lua), fui aprendendo a respeitar os direitos da pessoa com deficiência, principalmente no ambiente escolar. Foi somente a partir desse momento que despertei o desejo de conhecer e trabalhar na educação especial.

Além disso, lembro de ter tido uma professora na graduação, trazida certo dia pela sua orientadora do mestrado, a simpática Simone, para falar de sua experiência de trabalho em salas de recursos multifuncionais. Acredito que esses eventos contribuíram para a compreensão do meu papel como cidadã e principalmente como educadora. Essas experiências transformadoras me fizeram querer trabalhar diretamente com educação especial.

O início da minha jornada como acompanhante terapêutica foi em janeiro de 2020. Tinha convicção de que precisava conhecer essa área de atuação do pedagogo durante a faculdade. Participei de uma seleção e de um treinamento com estudos e duas semanas de observação de atendimentos clínicos. No início foi difícil, tudo era muito novo, sentia muito medo e tinha muitas expectativas quanto ao desenvolvimento da criança que comecei a atender. Continuei convicta do que precisava estudar e de me capacitar para ter algum êxito na minha atuação.

Quando vieram as primeiras devolutivas dos pais da criança e fechamos um plano com várias habilidades adquiridas, senti uma imensa felicidade. Os pequenos ganhos no desenvolvimento daquela criança fizeram meu trabalho e estudo valerem a pena.

Passsei os últimos dois anos atendendo casos clínicos de intensivo e reabilitação de crianças autistas, com TDAH e com epilepsia. No mês de abril do ano de 2022 recebi uma **proposta para acompanhar uma criança autista na escola** devido à repentina saída da AT escolar. Eu já conhecia muito bem essa criança, tinha um vínculo afetivo devido aos atendimentos clínicos. Mesmo assim, inicialmente pensei em recusar a proposta.

Analisei, seria um novo desafio, eu teria dificuldades com deslocamento e outras questões que não convém citar, mas também era uma oportunidade de aprendizado – além de ajudar uma criança que estava precisando de mim. Decidi aceitar a proposta, e, quase imediatamente, comecei a frequentar a escola junto com a criança e a antiga acompanhante terapêutica escolar.

A criança autista em questão não terá o nome divulgado por questões éticas, mas vou descrever alguns de seus comportamentos com o objetivo de relatar minha prática como AT escolar.

A criança que acompanhei no 5º ano do Ensino Fundamental tem diagnóstico de autismo desde os 3 anos de idade. Apresenta as seguintes **características de autismo**: dificuldades na linguagem pragmática, ecolalias tardias de desenhos animados e principalmente de propagandas, dificuldade em manter o foco por muito tempo, movimentos repetitivos com o corpo, rigidez com rotinas e procedimentos (beber sempre água com copo ou garrafa cheia, mesmo que já esteja satisfeito), hiperfoco em calendários, certo desinteresse por trocas sociais, déficits na compreensão e uso de expressões faciais e gestos e fascinação por ligar ventiladores, lâmpadas, ar-condicionado. Durante o horário destinado ao recreio e ao lanche, a

criança entra sem autorização na cozinha da escola e liga o ar-condicionado e os ventiladores da cozinha.

A possibilidade de trabalhar com uma criança autista na escola, lidar com a parte de adaptação e adequação curricular foram oportunidades enriquecedoras para minha experiência profissional. Embora minha formação na área de educação tenha me auxiliado em diversos momentos na função de acompanhante terapêutica escolar houve alguns desafios do que posso citar: mediar o processo de aprendizagem em um ambiente com inúmeros estímulos, fazer procedimentos de correção de erro e gestão de comportamentos inapropriados com uma enorme plateia, lidar com a necessidade e as estereotípias da criança autista mediante a rotina escolar.

O início das aulas foi em janeiro de 2022, mas eu só passei a acompanhar esse processo em abril de 2022, em função da saída da AT anterior. A criança estava habituada com a rotina escolar. Entretanto, demandas como ficar sentado, fazer silêncio, manter o foco na explicação da professora eram difíceis para a criança autista. Assim, vez ou outra se levantava, batia as mãos na mesa fazendo barulhos, emitia sons com a boca (Liiiii). Em alguns momentos, ele atrapalhou a concentração dos alunos mais próximos. Em outros, o professor repreendeu os barulhos.

Houve momentos em que tive que flexibilizar algumas demandas para diminuir o nível de ansiedade da criança e evitar comportamentos inapropriados. Faz parte da rotina da turma passar vídeos e atividades projetadas do computador para uma televisão. A criança autista que acompanho não consegue manter o foco nos vídeos, e suas atividades, principalmente de matemática, são adequadas ao seu nível de conhecimentos e forma de aprender concreta e visual. Em um desses momentos com vídeo, ele ficou ansioso, deixei-o caminhar no fundo da sala – somente no fundo para não atrapalhar a atenção dos colegas.

Em episódios como esse, a criança costuma estereotipar, se levantar e ficar de pé ao lado de um colega que ele goste para mexer no cabelo dele, fazendo carinho. Acredito que ele busque, além da interação social, a sensação sensorial ao pegar no cabelo do colega.

Durante as aulas, procuro aplicar atividades da mesma disciplina para que a criança autista participe do momento de estudos junto aos outros colegas. Mesmo quando o assunto não é o mesmo, acho importante seguir a mesma matéria. Após um longo período de estudos, a professora de matemática fez um momento de dança ou dinâmica. Esse momento foi carinhosamente apelidado pela professora de momento

(nome da criança). É um tempo muito aguardado e amado por todos, mas, principalmente pela criança autista.

Durante as **aulas de um professor de área específica (não o regente da turma)**, a presença da criança autista é claramente ignorada. Talvez não por mal, mas o professor se ocupa respondendo atividades de conversação em língua estrangeira. Fica difícil para a criança autista responder as atividades adequadas à sua forma de aprendizagem no ambiente da sala. Em alguns desses momentos, deixamos a sala e vamos até a biblioteca da escola. Na biblioteca, a criança responde atividades, faz leitura e acessa atividades adequadas a ele no computador da biblioteca.

Apesar dos desafios, foi **uma experiência única** perceber os comportamentos da criança autista com os pares, e o incrível cuidado, compreensão e aceitação dos colegas diante do comportamento autista da criança. Vale a pena citar uma situação em que um colega de turma se ofereceu para ser dupla com a criança autista numa brincadeira de Educação Física. A brincadeira era um circuito de equilíbrio e força.

Os colegas de turma demonstraram compreender os comportamentos diferentes da criança e suas necessidades. A maioria se diverte com tudo de diferente que a criança autista inventa, como colocar o capacete do colega e assistir aula de capacete ou ligar o ar-condicionado da sala quando chega do recreio. A professora tem o hábito de projetar vídeos ou a própria atividade para as crianças verem. O autista imediatamente se levanta para maximizar a tela e fechar os anúncios. A professora já chama a criança de meu T.I. e muitas vezes deixa que a criança sente na cadeira dela e passe imagens ou recursos que ela estiver usando na aula.

Nesse caso, **a professora regente** tratou a rigidez da criança em querer ver o vídeo maximizado sem nenhum anúncio na tela como algo natural. Na verdade, ela valorizou os conhecimentos e capacidade da criança em lidar com a tecnologia. Essa atitude se repetiu por várias vezes.